

## SEIS PRINCÍPIOS PARA CONTAR HISTÓRIAS COM EFICÁCIA

Enquanto eu contava a história missionária durante a Escola da Bíblia no verão deste ano, 120 crianças estavam sentadas escutavam absortas, com atenção, seus olhos pregados a mim, ouvindo a cada palavra. Havia muitas crianças ativas, barulhentas, tumultuosas, e algumas que podem ser descritas como "simplesmente mimadas."

Aprendi a contar histórias ouvindo e observando. Quando notava algo que tinha bom efeito, eu aprendia o que fazer, e também muitas vezes notava coisas que não tinham efeito, e aprendia o que evitar. Sou, de natureza, uma pessoa tímida, do tipo que se contrai à frente de três pessoas numa festa, mas através da prática, observação e a ajuda de Deus aprendi a contar histórias que mantivessem o interesse de até mesmo um grupo maior de pessoas.

Há seis princípios mais importantes que funcionam para mim e para outros bons contadores de histórias sobre os quais ouvi falar, talvez você queira tentá-los.

Primeiro, nunca procuro memorizar a história palavra por palavra, porém a estudo cuidadosamente, para conhecer bem o argumento. Não gosto dos sermões enlatados recitados por alguns vendedores. É fácil determinar tal tipo de sermão pelo tom e pela rapidez da recitação. Uma história memorizada, não importando a perfeição com a qual é recitada, nunca poderá soar como natural. Além disso, o que faria o contador se sua mente subitamente se esvaziasse? Se souberem o argumento básico da história, não estarão completamente perdidos se alguma parte for esquecida. Mas se cada palavra estiver conectada à palavra seguinte, e um elo se perder, a história estará completamente perdida. No outro extremo está o contador que lê a história uma vez, ou duas, e então fica admirado porque não consegue manter seus alunos sob controle enquanto procura lembrar-se da parte seguinte. Pior ainda é o contador que simplesmente lê para os alunos. E normalmente perde o ponto em que se encontrava durante o processo. É óbvio que ler uma história para um grupo de crianças, quando todas se agrupam ao seu redor para ver as figuras, tem seu lugar na educação cristã. Muitas vezes leio para minhas crianças.

Com grupos maiores e mais velhos, entretanto, contar uma história faz com que sua atenção seja melhor mantida, e por mais tempo. Ao estudar a história às vezes sinto a necessidade de um esquema simples. Talvez use um cartão 3 x 5, se a história é muito complexa, anotando somente as idéias principais. Se fizer mais de um cartão, os números com números grandes em uma cor contrastante (para o caso de caírem). Às vezes um resumo de 4 ou 5 linhas é suficiente, e às vezes creio ser suficiente escrevê-lo na palma de minha mão. Com cartões de ajuda pedagógica o resumo normalmente não é necessário porque as figuras me lembram do que vem em seguida.

Segundo, mesmo que eu não tenha memorizado a história inteira, memorizo duas partes, a linha de abertura e a linha de conclusão. Considero estas linhas com muito cuidado, por vezes me desviando da versão publicada. Quero algo vivaz que prenda a atenção de meus

Preparado e protegido pelos direitos autorais de Every Child Ministries  
"Esperança as Crianças Esquecidas da África"  
email: [ecmafrica@ecmafrica.org](mailto:ecmafrica@ecmafrica.org)



ouvintes logo de início, e quando conto esta linha com audácia e entusiasmo, o resto da história parece fluir da mesma maneira. O final tem a mesma importância. Quero algo importante que aponte haver chegado ao final, sem que as palavras tenham que ser ditas. Também quero levar a história até as vidas de meus alunos. É difícil improvisar um bom final, por isso eu o memorizo.

Terceiro, quando conto uma história sempre exagero as emoções. Nunca exagero os fatos, mas com emoções é diferente. Meus personagens tristes são lamentavelmente tristes, meus caracteres alegres são risonhos de alegria, e quando meus personagens estão com raiva eles têm seus lábios presos, seus dentes rangem de raiva. A atuação histriônica fez-me sentir tímida de início, mas as crianças adoraram, e logo deixei de lado minha dignidade e comecei a experimentar as emoções através dos personagens em minhas histórias. Às vezes me envolvia tanto apenas ao praticar a história, que me rolavam lágrimas. Creio que esta elevação emocional adicionou atrativos para as crianças, mais do que qualquer outra coisa que eu faça.

Quarto, notei que as crianças escutam melhor quando uso contrastes. Falo lentamente quando a situação é apropriada, e mais e mais rápido conforme o argumento se desenvolve. O falar lento é apropriado para situações tristes, e o rápido para seções alegres. Falo em alto volume e então quase num sussurro, e as crianças me ouvem porque estão prestando atenção. Minha voz expressa pesar e felicidade, apreensão e confiança, timidez e arrojo, quando é apropriado na história.

Quinto, dramatizo a história com ações físicas e expressões faciais. Quando alegres, meus personagens dançam ao redor da sala, quando aborrecidos, se arrastam. Quando amedrontados, talvez gaguejem com temor, ou talvez seus joelhos se dobrem. Nunca digo "Tommy estava excitado." Mostro-lhes como Tommy estava excitado pelo volume, tom e rapidez de minha voz, saltando, ou pela expressão de meu rosto.

Sexto, faço um esforço deliberado para não parar, nem por um minuto, e para não mudar o tom de minha voz quando passo à aplicação, ou a um convite (isto é muito mais difícil do que pode parecer). Já vi um grupo grande sentado envolvido por uma história, quando inicio a aplicação, a metade deles bocejar, começar a falar, ou se levantar para deixar a sala. Tenho conseguido diminuir este problema passando rapidamente para o convite, usando o mesmo tom com as mesmas variações que usei durante a história.

Todos provavelmente já ouviram falar de cristãos que têm uma "voz para falar" ou uma "voz para orar." Tenho conseguido evitar o desligamento de atenção em muitos de meus ouvintes evitando o uso de minha "voz para sermões." Assim há menos distrações e o Espírito Santo pode trabalhar com seus suaves corações.

Bem, é isso. Estes são os seis princípios que tenho visto funcionar com outros contadores de histórias e comigo mesma. Para aplicar estes princípios, pratico. Normalmente conto uma história a minhas próprias crianças em casa antes de contá-la a um grupo. Dessa forma posso identificar minhas fraquezas e meus pontos fortes. Posso também verificar Preparado e protegido pelos direitos autorais de Every Child Ministries  
"Esperança as Crianças Esquecidas da Africa"  
email: [ecmafrica@ecmafrica.org](mailto:ecmafrica@ecmafrica.org)



se conheço bem a história, ou se os fatos se misturam, e se hesito, pratico novamente. Posso também tentar sentir as emoções e usar o tom apropriado.

Há mais para falar sobre o ensino do que sobre como contar histórias, mas tenho visto histórias fascinantes excitarem e terem um efeito sobre muitas pessoas. Porém lembre-se que a metade do fascínio está no contador da história.